
NORDESTE: CRESCIMENTO DEMOGRÁFICO — 1940/1970

Hélio Augusto de Moura ()*

INTRODUÇÃO

No planejamento e na programação das atividades visando ao desenvolvimento econômico de uma área tornam-se necessárias informações cada vez mais atualizadas acerca do contingente demográfico e de previsões sobre o seu crescimento.

A população é, na realidade, o agregado em função do qual se operam as grandes opções políticas ou sobre o qual se verifica a coerência de certas hipóteses de desenvolvimento econômico e de emprego dos recursos.

Contudo, as previsões de população, particularmente as que se referem a áreas menos desenvolvidas, apresentam “vidas médias” muito limitadas. Com efeito, em tais áreas está, por assim dizer, sendo vivida ainda a fase na qual se acham em pleno dinamismo as várias forças que tendem a estabelecer os níveis em que finalmente se assentarão as principais componentes do processo demográfico.

O conhecimento da existência de um processo desse tipo, no qual intervem forças da mais variada natureza e que funcionam mediante relações cau-

saís ou associativas as mais complexas, reclama a necessidade de uma contínua atualização das informações estatísticas com vistas a efetuar previsões que levem em conta as tendências mais recentes que se estejam esboçando.

Assim, os resultados do Censo de 1970 são de alto interesse tanto para o conhecimento da evolução e do comportamento demográfico do País e da de seus Estados ou Regiões na última década, como para o traçado das perspectivas correspondentes aos próximos dez anos.

E por essa razão, o ETENE/BNB, já com a divulgação das Sinopses Preliminares atinentes aos Estados, elaborou monografias específicas nas quais foram apreciadas de modo sucinto as tendências básicas de crescimento do período 1960/70 atinentes a cada uma das Unidades incluídas na sua área de atuação — o Nordeste ⁽¹⁾.

Com a conclusão da série, procede-se neste documento a uma consolidação a nível regional dos resultados estaduais analisados. Segundo a metodologia adotada nos trabalhos anteriores, remonta-se à evolução demo-

(*) O autor é coordenador do Grupo de Estudos de Demografia e Urbanização do BNB/ETENE. Na elaboração do presente trabalho colaboraram os estagiários Heber José de Moura, Luiz Carlos Barros da Silva e Luiz Antônio de Barros Bezerra.

(1) Acha-se em fase de publicação a coletânea das nove monografias elaboradas — uma para cada Estado do Nordeste — e que inicialmente constituíram documentos internos para conhecimento das equipes técnicas do Banco.

gráfica regional desde o ano de 1940, o que é feito com vistas a possibilitar que se visualizem as tendências mais recentes dentro do marco histórico em que elas se devem inserir.

Vale desde logo advertir que, por serem ainda bastante gerais, os resultados disponíveis permitem um conhecimento muito mais amplo do quanto e de como evoluiu a população nordestina na década passada. Não permitem ainda responder uma série de indagações básicas acerca do comportamento apresentado pelos componentes vegetativos e migratórios que condicionaram o processo do crescimento regional durante a última década. Tais respostas somente poderão ser dadas quando estiverem disponíveis os resultados definitivos e detalhados do Censo (por sexo, locais de nascimento e residência, composição etária e outros dados). As informações divulgadas até o momento não descem à composição estrutural da população nordestina: referem-se tão somente aos efetivos recenseados segundo locais de presença ou residência e situação do domicílio. Não obstante, a própria brevidade com que tais informações se tornaram disponíveis, representa indicação para se seja otimista quanto ao prazo que ainda se terá de esperar para o esclarecimento de pontos bem importantes⁽²⁾.

(2) O presente trabalho já se achava elaborado quando a F. IBGE divulgou as "Tabulações Avançadas do Censo Demográfico de 1970", que apresentam a nível de Regiões do País importantes dados sobre composição e estrutura da população. Os trabalhos de tabulação e análise dessas informações já se acham em pleno andamento. Ressalte-se, a propósito, que no estudo do ETENE "Tendências e Perspectivas de Crescimento da Oferta Regional de Mão-de-Obra — 1940/80", ed. preliminar, mimeo., outubro, 1971, já se consideram para 1970 os dados sobre "população economicamente ativa" do Nordeste constantes das mencionadas "Tabulações Avançadas".

TENDÊNCIAS GERAIS DO CRESCIMENTO DEMOGRÁFICO REGIONAL

A população presente no Nordeste totalizou em 1970 cerca de 28,7 milhões de habitantes, havendo na década recém-finda crescido a uma taxa geométrica anual de 2,5% ⁽³⁾.

Nesse mesmo período, a taxa de crescimento da população radicada nos quadros urbanos da Região atingiu 4,6% a.a., enquanto que a da população rural se situou em 1,2% a.a.

Por ocasião do último Censo, cerca de 12 milhões de pessoas já estavam presentes nos quadros urbanos do Nordeste, perfazendo aproximadamente 42% do contingente demográfico recenseado.

A análise comparativa dos dados da tabela 1 revela os seguintes aspectos gerais da evolução demográfica nordestina nos últimos trinta anos:

(3) Notar que a presente análise se baseia nos dados sobre **população PRESENTE** divulgados nas Sinopses Preliminares do Censo Demográfico de 1970 atinentes a cada Estado da Região. Nessas "Sinopses", o conceito de **população recenseada** corresponde ao de **população presente** adotado em Censos anteriores. Na Sinopse apresentam-se, inclusive, resultados a nível de população recenseada (população presente) e de **população residente**. Posteriormente à redação deste trabalho, a F. IBGE divulgou as "Tabulações Avançadas do Censo Demográfico de 1970" segundo as regiões brasileiras. Contudo, os dados sobre **população recenseada** divulgados nas "Tabulações" não coincidem com os dados sobre **população recenseada** obtidos a partir das "Sinopses" estaduais. Ocorre que nas "Tabulações" adotou-se o conceito de população **recenseada** como sinônimo de população **residente**. Dessa forma, se se compararem os dados constantes das "Tabulações" com os dos Censos anteriores, fatalmente ocorrerão subestimações nas taxas de crescimento em face dessas diferenças conceituais.

a) duplicação do efetivo total presente na Região entre os anos extremos 1940 e 1970;

b) intensificação durante a década dos sessenta do ritmo de crescimento demográfico regional, que até então se mantivera constante, em torno de uma taxa média anual de 2,2%;

c) tendência de a Região se urbanizar rapidamente, como atestam as comparações feitas entre a já mencionada taxa de urbanização de 1970 e os percentuais atinentes aos anos censitários anteriores;

d) que em termos comparativos à década imediatamente anterior, a intensificação havida no ritmo de crescimento da população total durante os anos 1960/70 se deveu ao incre-

mento ligeiramente mais rápido que passou a ocorrer com relação ao contingente rural dessa população;

e) ligeiro arrefecimento no ritmo de crescimento da população urbana em termos comparativos ao da década dos cinquenta;

f) que, não obstante essa ligeira perda de dinamismo, tal crescimento urbano continuou se processando a ritmo muito mais rápido que o da década dos quarenta, o qual, aliás, ocorrera a uma taxa já por si bem elevada (3,4% a.a.);

g) que a população rural cresceu tanto nos anos cinquenta como nos anos sessenta a um ritmo bastante inferior ao observado durante o decênio 1940/50.

TABELA 1

NORDESTE

**Crescimento Demográfico Segundo a Situação do Domicílio
1940/1950/1960/1970**

Discriminação	A n o s			
	1940	1950	1960	1970
I - População Presente (milhares)				
— Urbana	3.381,2	4.744,2	7.679,3	11.979,6
— Rural	11.052,9	13.228,6	14.748,2	16.694,1
— Total	14.434,1	17.972,8	22.427,5	28.673,7
II - % s/Total				
— Urbana	23,4	26,4	34,2	41,8
— Rural	76,6	73,6	65,8	58,2
— Total	100,0	100,0	100,0	100,0
III - Taxas de Crescimento (% a.a.)				
— Urbana		3,4	4,9	4,6
— Rural		1,8	1,1	1,2
— Total		2,2	2,2	2,5

Fonte: F. IBGE — Censos Demográficos.

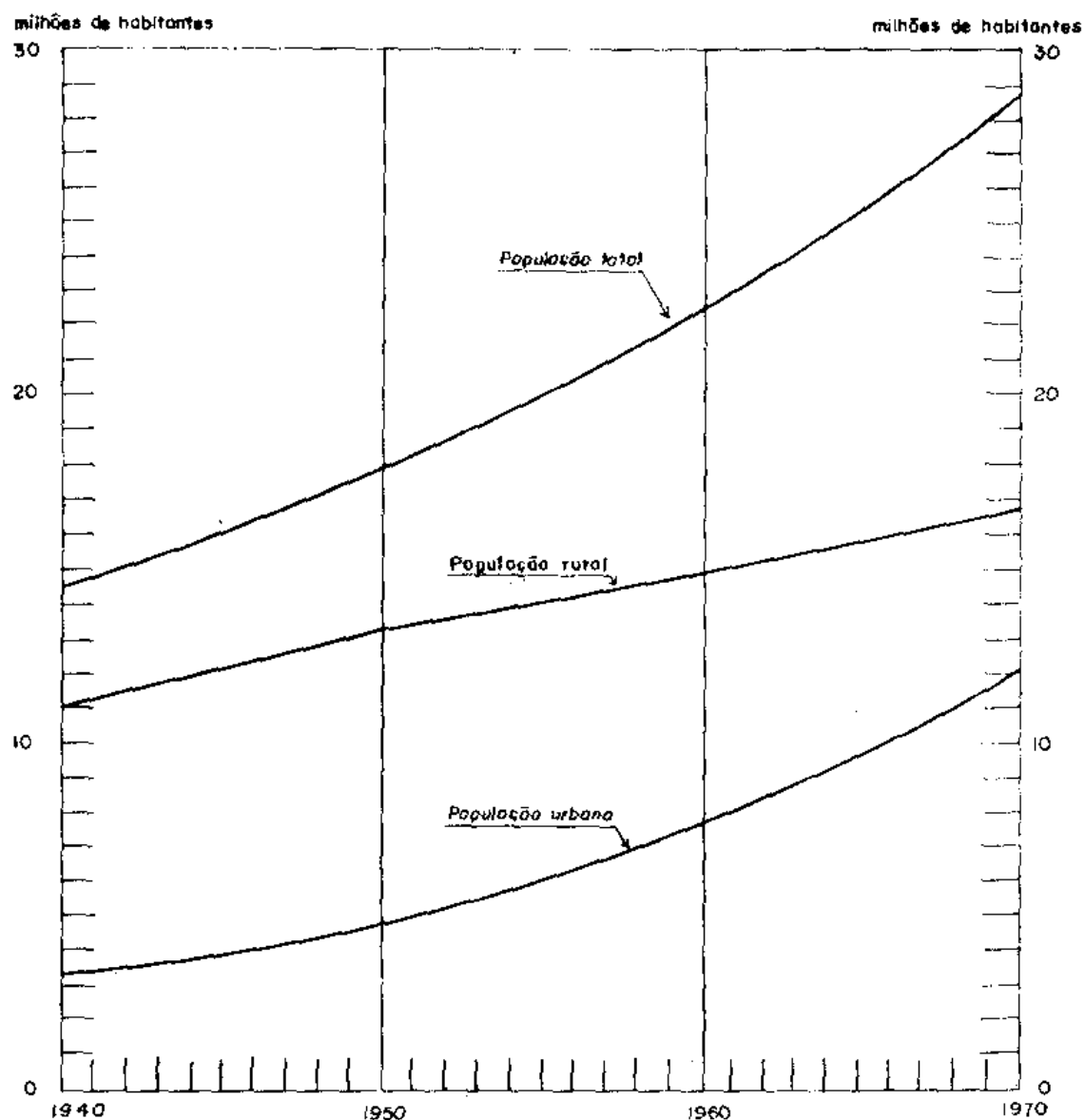
NORDESTE

GRÁFICO I

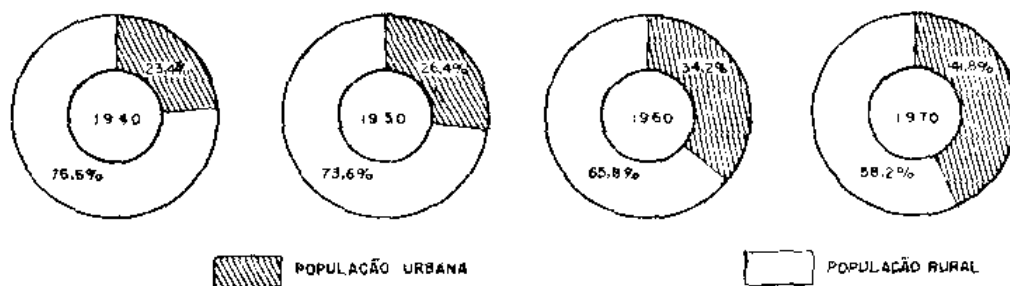
I- CRESCIMENTO DEMOGRÁFICO SEGUNDO

A LOCALIZAÇÃO DE DOMICÍLIO

1940-1950-1960-1970



II DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO PRESENTE SEGUNDO A LOCALIZAÇÃO DO DOMICÍLIO



FONTE: Tabela I

ASA/NMC

A tabela 2 detalha os efetivos demográficos e respectivas taxas de crescimento segundo os Estados da Região e a localização do domicílio.

O Rio Grande do Norte, o Piauí e o Ceará são os Estados cujas populações totais cresceram a taxas anuais mais altas durante a última década: 3,4%, 3,2% e 3,0%, respectivamente. As populações de Pernambuco, Alagoas e Bahia cresceram a um mesmo ritmo — 2,4% a.a. — enquanto que as da Paraíba e Sergipe o fizeram mais lentamente: 1,9% e 1,8%, respectivamente.

Quanto à população maranhense, cresceu nos anos sessenta a um ritmo médio anual de 2,0%. Na realidade, esse Estado constituiu a exceção à tendência que pareceu caracterizar a década dos sessenta quanto a um crescimento relativamente maior da população total presente nos Estados da porção mais ocidental da Região.

O Maranhão também constituiu exceção notável quanto ao fato de a taxa de crescimento de sua população total ter sido no período 1960/70 inferior às registradas em décadas anteriores. Verifica-se, na mencionada tabela, que em todos os demais Estados da Região as respectivas taxas de crescimento da década 1960/70 se mostraram superiores às dos anos 1950/60 e, quando não iguais — como no caso de Pernambuco e Paraíba — também superaram às registradas no decênio 1940/50. Além disso, convém mencionar que os diferenciais nessas taxas médias decenais se mostraram bastante elevados no tocante ao Rio Grande do Norte, Piauí e, até certo ponto, Ceará. No caso desses dois Estados primeiramente referidos, nota-se que a intensidade relativa de crescimento de suas respectivas populações quase que exatamente duplicou dos anos cinquenta para os anos sessenta.

Considerando a localização do domicílio, observa-se inicialmente que a população urbana de cada um dos Estados, do Maranhão ao Rio Grande do Norte, cresceu durante os anos sessenta a ritmo bem mais rápido que o da população urbana da Região como um todo. Considerando toda a Região, o Piauí apresentou a mais elevada taxa de crescimento quanto ao contingente urbano (6,5% a.a.) enquanto que a Paraíba e Sergipe se destacaram pela situação exatamente oposta (taxas anuais de 3,7% e 3,6%, respectivamente). Os contingentes urbanos dos três Estados mais populosos da Região — Bahia, Pernambuco e Ceará — aumentaram, pela ordem de citação, a ritmos geométricos anuais de 4,2%, 4,4% e 4,9%; os do Maranhão e Rio Grande do Norte o fizeram a 5,6% e o de Alagoas a 4,1%.

Comparativamente aos resultados atinentes à década dos cinquenta, verifica-se ter se intensificado o ritmo de crescimento das populações urbana do Maranhão e do Piauí. Quanto aos demais Estados, nota-se que esse crescimento manteve-se no ritmo nos Estados do Rio Grande do Norte, Alagoas e Sergipe, arrefeceu ligeiramente no Ceará e em Pernambuco e diminuiu sensivelmente na Paraíba e na Bahia.

A população rural de quase todos os Estados cresceu nos anos sessenta a ritmo bem mais intenso que o verificado nos anos cinquenta e, em vários casos, a taxa bem próximas ou até mesmo ligeiramente superiores às registradas na remota década dos quarenta.

O crescimento da população rural do Maranhão fugiu, entretanto, totalmente, a esse padrão: tal contingente da população maranhense, tendo crescido nos anos quarenta a um ritmo geométrico anual de 2,2%, teve elevada essa taxa para 4,6% a.a. no decênio seguinte, para cair subitamente,

TABELA 2
NORDESTE

População Presente e Taxas de Crescimento Segundo os Estados
e a Situação do Domicílio

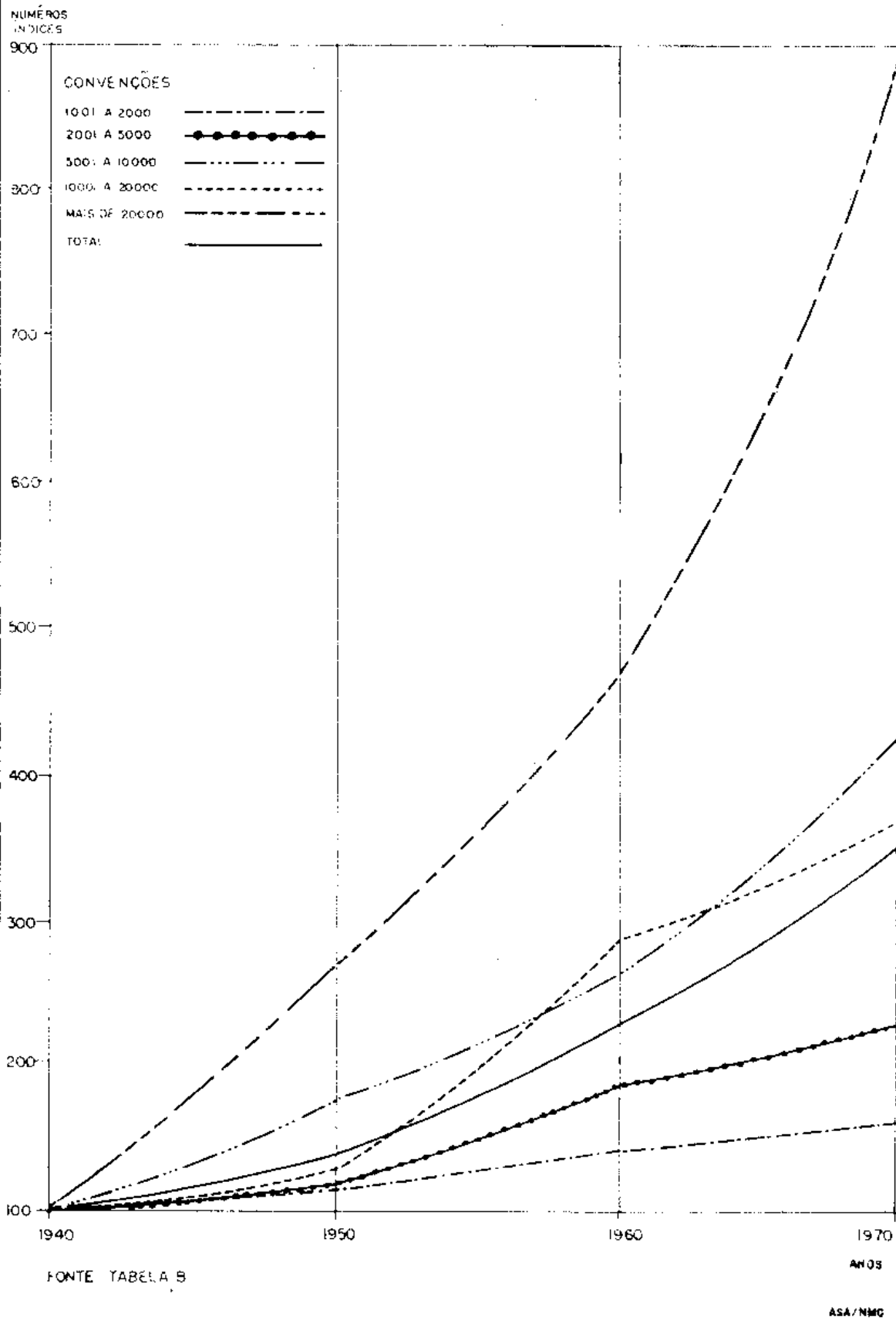
1940/70

Estados	População (em milhares)				Taxa de Crescimento (% a.a.)		
	1940	1950	1960	1970	1940/50	1950/60	1960/70
I — População Urbana							
Maranhão	185,6	274,3	448,5	771,8	4,0	5,0	5,6
Piauí	124,2	170,6	298,2	561,1	3,3	5,6	6,5
Ceará	475,0	679,6	1.124,8	1.811,2	3,6	5,2	4,9
R. G. Norte	164,2	253,8	435,2	751,1	4,4	5,5	5,6
Paraíba	311,4	456,7	708,1	1.019,3	3,9	4,5	3,7
Pernambuco	787,8	1.167,4	1.856,7	2.861,2	4,0	4,7	4,4
Alagoas	229,1	286,4	428,2	642,2	2,3	4,0	4,1
Sergipe	166,2	205,0	295,9	421,4	2,1	3,7	3,6
Bahia	937,6	1.250,5	2.083,7	3.140,4	2,9	5,2	4,2
Nordeste	3.381,2	4.744,2	7.679,3	11.979,6	3,4	4,9	4,6
II — População Rural							
Maranhão	1.049,6	1.309,0	2.043,6	2.265,3	2,2	4,6	1,0
Piauí	693,4	875,1	965,2	1.173,8	2,4	1,0	2,0
Ceará	1.616,0	2.015,8	2.213,0	2.680,4	2,2	0,9	1,9
R. G. Norte	603,8	714,2	722,1	860,5	1,7	0,1	1,8
Paraíba	1.110,9	1.256,5	1.310,0	1.426,1	1,2	0,4	0,9
Pernambuco	1.900,4	2.227,8	2.280,2	2.391,4	1,6	0,2	0,5
Alagoas	722,2	806,8	842,8	964,0	1,1	0,4	1,4
Sergipe	376,1	439,4	464,3	489,9	1,6	0,6	0,5
Bahia	2.980,5	3.584,1	3.906,9	4.442,7	1,9	0,9	1,3
Nordeste	11.052,9	13.228,6	14.748,2	16.694,1	1,8	1,1	1,2
III — População Total							
Maranhão	1.235,2	1.583,2	2.492,1	3.037,1	2,5	4,6	2,0
Piauí	817,6	1.046,0	1.263,4	1.734,9	2,5	1,7	3,2
Ceará	2.091,0	2.695,5	3.337,9	4.491,6	2,6	2,2	3,0
R. G. Norte	768,0	967,9	1.157,3	1.611,6	2,3	1,8	3,4
Paraíba	1.422,3	1.713,3	2.018,0	2.445,4	1,9	1,7	1,9
Pernambuco	2.688,2	3.395,2	4.136,9	5.252,6	2,4	2,0	2,4
Alagoas	951,3	1.093,1	1.271,1	1.606,2	1,4	1,4	2,4
Sergipe	542,3	644,4	760,3	911,3	1,7	1,7	1,8
Bahia	3.918,1	4.834,6	5.990,6	7.583,1	2,1	2,2	2,4
Nordeste	14.434,1	17.972,8	22.427,5	28.673,8	2,2	2,2	2,5

Fonte: F. IBGE — Censos Demográficos.

NORDESTE
EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO URBANA PRESENTE
SEGUNDO TAMANHO DAS CIDADES E VILAS
1940/1970

GRÁFICO II



nos anos mais recentes, para apenas 1% a.a. Portanto, desse comportamento específico, quanto à evolução da população maranhense, resultou, não se haver elevado muito além do ritmo registrado entre 1950 e 1960 o incremento da população rural de todo o Nordeste na década recém-finda.

Se se excluir — tão somente para efeito de comparação e face à “excentricidade” que caracterizou o crescimento de sua população rural — o Maranhão do conjunto de Estados que constituem a Região, verificar-se-á que a população rural do Resto do Nordeste mais do que duplicou o seu ritmo relativo de crescimento de uma para a outra das duas últimas décadas: de 0,5% a.a. no período 1950/60 se elevou para 1,3% a.a. no período 1960/70. Com ou sem a inclusão do Maranhão, não se notam diferenças quanto à taxa de crescimento do contingente urbano. Contudo, a nível da população total presente, as taxas de crescimento são, sem o Maranhão, de 2,2% nos anos cinquenta e de 2,5% nos anos sessenta. Isto representa um aumento de 0,5 na mencionada taxa ao invés de um aumento de apenas 0,3 que se observou ao se incluir no conjunto da Região o Estado em comentário.

LOCALIZAÇÃO DA POPULAÇÃO

Distribuição no Espaço Geográfico

Em 1970, cerca de 60% do contingente demográfico regional estavam presentes no conjunto dos Estados da Bahia, Pernambuco e Ceará. Essa relação se manteve mais ou menos a mesma durante os últimos trinta anos, embora, o nível dos Estados, tenha aumentado ligeiramente a participação da população cearense no total regional (16% em 1970), decrescido a da Bahia (26%) e permanecido algo constante a de Pernambuco (18%).

Em seguida a esses Estados, surgem em termos de efetivo demográfico o Maranhão e a Paraíba, com participações que em 1970 atingiram 11% e 9%, respectivamente. Os percentuais atinentes ao Piauí, Rio Grande do Norte e Alagoas giraram em torno de 6% enquanto que o de Sergipe foi de apenas 3%.

Pernambuco é o Estado nordestino que apresenta taxa mais elevada de urbanização: cerca de 55% de sua população total já se achavam em 1970 radicados nas vilas e cidades do Estado. Sob este aspecto, seguem-se-lhe o Rio Grande do Norte e Sergipe, com taxas de urbanização em torno de 46%. Na Paraíba, na Bahia, no Ceará e em Alagoas, essa relação girou entre 40 e 42%. Em plano menos destacado se situam o Piauí e o Maranhão, nos quais, mesmo assim, a proporção de pessoas urbanas ali presentes já atingia em 1970 a uma terça e a uma quarta partes, respectivamente.

A grande diversidade quanto à distribuição da população nordestina no espaço geográfico fica bem caracterizada através do exame das densidades demográficas.

Com efeito, enquanto a densidade demográfica média da Região atinge a apenas 19 hab/km², há Estados como Alagoas e Pernambuco onde esses índices se situam em 58 e 53 hab/km² e outros, como o Maranhão e o Piauí, em que não chegam a 10 hab/km². Entre tais extremos há toda uma gama de índices: 43 e 41 hab/km² na Paraíba e em Sergipe, 30 hab/km² no Rio Grande do Norte e no Ceará, 14 hab/km² na Bahia.

Abstraindo, por enquanto, a divisão política regional verifica-se que a grande concentração demográfica se encontra na estreita faixa de uns 100 km de largura que corre ao longo da costa nordestina. Essa faixa perfaz apenas uns 193 mil km², isto é, me-

nos de 12% da superfície total, mas concentrou em 1970 quase 40% do efetivo demográfico presente na Região (*). Nela se localiza a maioria das principais cidades da Região, quase todas as capitais dos Estados, várias delas datando da época do descobrimento. A densidade demográfica dessa zona litorânea é de 58 hab/km², quase três vezes a média regional. Em Estados como Pernambuco e Paraíba, a densidade demográfica na respectiva porção dessa faixa atinge índices tão elevados quanto 238 hab/km² e 116 hab/km². Mesmo nos Estados de população mais rarefeita, como é o caso do Maranhão e do Piauí, as respectivas densidades da faixa litorânea — 23 e 28 hab/km², respectivamente — superam francamente a densidade média de todo o Nordeste.

Quanto às áreas não-litorâneas, verificam-se na Bahia, no Maranhão e no Piauí, densidades médias que não chegam a atingir a 10 hab/km². Ao contrário, Alagoas, Paraíba e Sergipe, destacam-se por apresentarem, mesmo nessa área, concentrações demográficas relativamente elevadas: 43,37 e 31 hab/km², respectivamente.

TENDÊNCIAS DE LOCALIZAÇÃO

Continuou durante os anos sessenta a tendência da população nordestina em se adensar nas zonas litorâneas da Região e, simultaneamente, se tornar mais e mais urbana.

O percentual de participação do contingente litorâneo sobre o total regional, que passou de 35%, em 1940 e em 1950, para 37% em 1960, se ele-

vou, como já foi visto, para quase 40% em 1970 (tabela 3). Esta concentração vem ocorrendo em função da maior intensidade relativa do crescimento da população presente nos quadros urbanos do litoral. Entre 1940 e 1970, tal contingente aumentou de 14% para 25% o percentual de sua participação sobre a população total do Nordeste; entre esses mesmos anos caiu de 21% para 15% a participação do respectivo contingente rural.

Convém ressaltar, entretanto, que o intensivo crescimento da população urbana nordestina não se vem restringindo apenas à zona litorânea da Região.

Na realidade, mercê de um certo arrefecimento no ritmo de crescimento do contingente urbano litorâneo que ocorreu na década recém-finda, o incremento da população radicada nas vilas e cidades interioranas passou inclusive a lhe ser superior. A participação do contingente urbano não-litorâneo sobre o total da população nordestina, inclusive, se elevou de 10% para 17% entre 1940 e 1970.

Quanto ao crescimento da população presente nos quadros rurais, pode-se verificar que se acentuou no período 1960/70 a perda dinamismo de componente litorâneo, fenômeno esse que, embora discretamente, já se esboçara na década dos cinquenta. O contrário ocorreu com relação à parcela rural não-litorânea, cuja taxa de crescimento na década recém-finda (1,5% a.a.), mesmo sem atingir o nível registrado nos remotos anos quarenta (2,0% a.a.) foi bem superior à do período 1950/60. É possível que um decênio de pluviosidade normal tenha contribuído para a mencionada reversão de tendência, sobretudo se se levar em conta o fato de os anos cinquenta se terem caracterizado por duas grandes secas que assolaram grande parte da zona semi-árida do Nordeste.

(*) Convencionou-se delimitar como zona litorânea o conjunto das zonas fisiográficas estaduais que, segundo a divisão fisiográfica vigente em 1960, tivessem pelo menos um município situado no litoral. Sobre a relação dessas zonas ver nota à tabela 3.

TABELA 3
NORDESTE
 População Presente Segundo Grandes Zonas de Localização e Situação do Domicílio
 1940/1970

Anos	População Urbana			População Rural			Total do Nordeste
	Litorânea (*)	Não-Litorânea	Total	Litorânea (*)	Não Litorânea	Total	
I — Números Absolutos (Milhares de Pessoas)							
1940	2.008,4	1.372,8	3.381,1	3.060,5	7.992,4	11.052,9	14.434,1
1950	2.790,0	1.954,2	4.744,2	3.516,4	9.712,2	13.228,6	17.972,8
1960	4.567,5	3.111,7	7.679,3	3.984,9	10.763,3	14.748,2	22.427,5
1970 (Censo)	7.040,0	4.939,8	11.979,6	4.250,7	12.443,5	16.694,1	28.673,8
1970 (Estimativa)	7.378,7	5.077,3	12.456,0	4.234,1	12.582,7	16.816,8	29.272,8
II — % s/Total							
1940	13,9	9,5	23,4	21,2	55,4	76,6	100,0
1950	15,5	10,9	26,4	19,6	54,0	73,6	100,0
1960	20,3	13,9	34,2	17,8	48,0	65,8	100,0
1970 (Censo)	24,6	17,2	41,8	14,8	43,4	58,2	100,0
1970 (Estimativa)	25,3	17,3	42,6	14,4	43,0	57,4	100,0
III — Taxas de Crescimento (% a.a.)							
1940/50	3,3	3,6	3,4	1,4	2,0	1,8	2,2
1950/60	5,1	4,8	4,9	1,3	1,0	1,1	2,2
1960/70 (Censo)	4,4	4,7	4,6	0,7	1,5	1,2	2,5
1960/70 (Estimativa)	4,9	5,0	4,9	0,6	1,6	1,3	2,7

Fontes: F. IBGE-Censos Demográficos — Estimativa BNB/ETENE (1970)

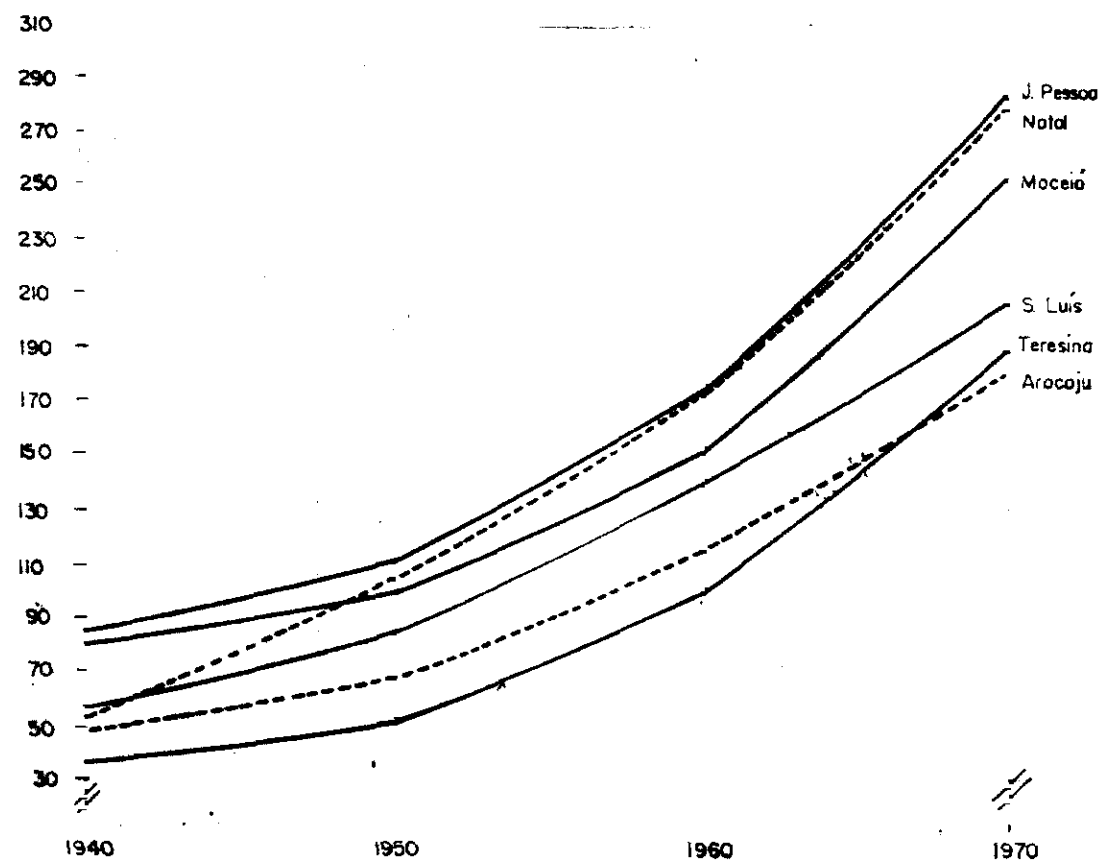
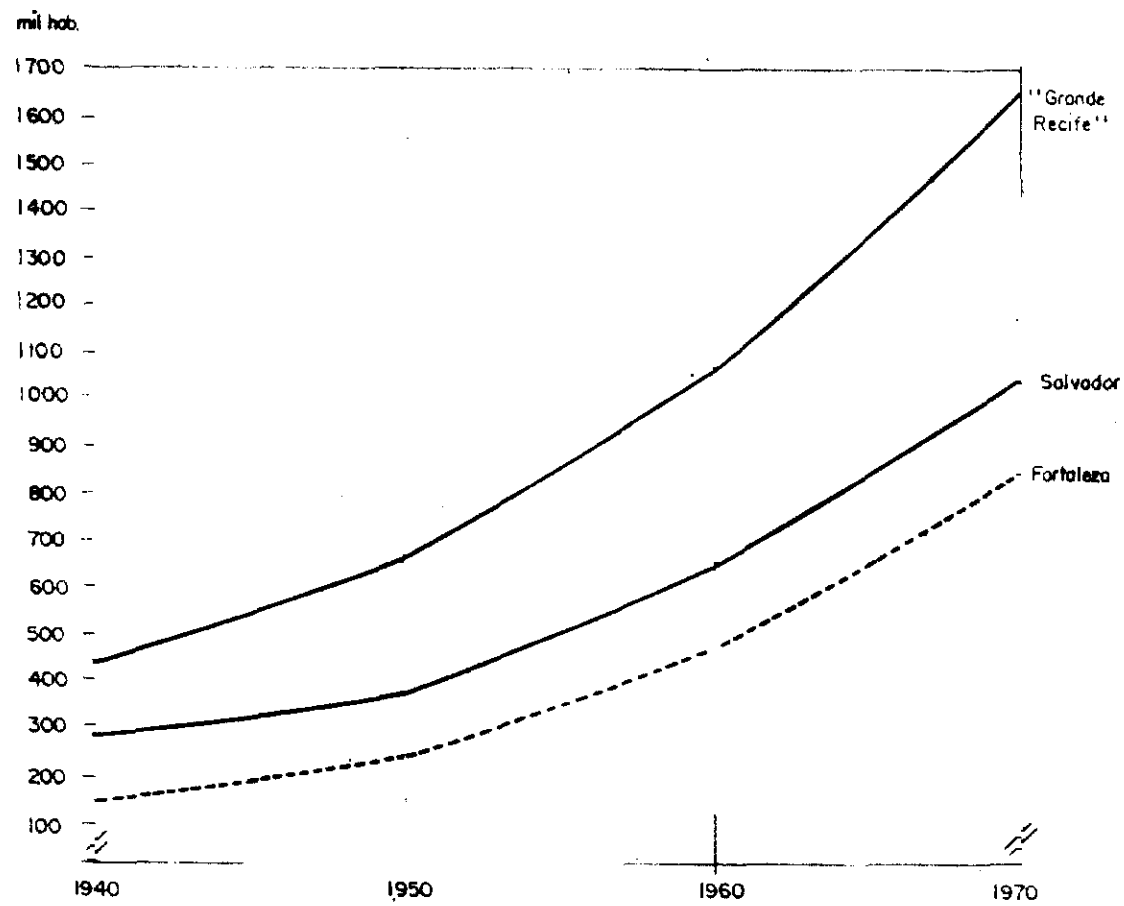
(*) Corresponde segundo a divisão fisiográfica vigente em 1960, ao conjunto das seguintes zonas: Maranhão: Litoral Norte, Baixada e Litoral Nordeste; Piauí: Litoral; Ceará: Litoral; Rio Grande do Norte: Salineira e Litoral; Paraíba: Litoral-Mata; Pernambuco: Litoral-Mata; Alagoas: Litoral, Mata e Baixo S. Francisco; Sergipe: Litoral e Baixo S. Francisco; Bahia: Litoral-Norte, Recôncavo, Cacaueira e Extremo-Sul. Refizeram-se para os demais anos os conjuntos de municípios segundo essas divisões.

NORDESTE

GRÁFICO III

EVOLUÇÃO DEMOGRÁFICA DAS CAPITAIS

1940-1970



FONTE: TABELA C

ASA/INIC

Com o fim de ressaltar os principais desvios observados nas tendências de crescimento demográfico regional que se vinham esboçando até 1960, também foram incluídos na tabela 3 os resultados das projeções e perspectivas sobre esse crescimento atinentes ao ano de 1970 (realizadas pelo BNB/ETENE preliminarmente à realização do último Censo Demográfico) ⁽⁵⁾.

Em números absolutos, superestimou-se em cerca de 600 mil pessoas o contingente total presente na área, o que correspondeu a uns 2% da população recenseada em 1970.

Substancial parcela dessa diferença (quase 300 mil pessoas) se relacionou com o componente urbano, notadamente o litorâneo. Quanto ao componente rural, incorreu-se em subestimação insignificante com relação à parcela litorânea (cerca de 16 mil pessoas) e superestimação algo substancial com relação à parcela não-litorânea 180 mil pessoas).

Em termos de participação relativa dessas várias parcelas, as diferenças entre os valores prospectados e os observados foram insignificantes, em todos os casos se restringindo à casa dos décimos.

Não obstante, dados certos indícios e razões todos eles relacionados com a "excentricidade" que caracterizou a evolução da população rural não-litorânea do Maranhão durante a última década, não se pode deixar de considerar a possibilidade de que o total projetado tenha-se aproximado ainda mais do efetivo global realmente presente na Região em 1970.

Entre vários indícios, ressalta o de se terem verificado no Maranhão durante a última década aumentos mui-

to acentuados na relação habitante urbano/habitante rural presente em zonas fisiográficas não-litorâneas, várias das quais ainda apresentam características típicas de regiões de "fronteira" agrícola. Tais aumentos resultaram não somente do próprio incremento na população urbana dessas áreas mas se associaram quer à estagnação, quer ao arrefecimento no ritmo de crescimento da população rural nelas presente, ou ainda, como no caso das zonas fisiográficas do Baixo Mearim e do Itapecuru, ao decremento havido no número de habitantes rurais recenseados em 1960. ⁽⁶⁾ Verificou-se, por outro lado, que fato semelhante não ocorreu no conjunto das zonas litorâneas, onde tanto a população urbana como a população rural continuaram crescendo a ritmos bastante elevados, superando, no caso desta última, até mesmo o da previsões realizadas pelo BNB/ETENE para a mencionada área ⁽⁷⁾. Ademais, os dados disponíveis sobre migrações internas para o Maranhão (Censo Demográfico de 1960) não pareceram revelar um caráter eminentemente transitório ou ocasional nesse fluxo de modo a justificar a redução da taxa mediante a inversão da corrente migratória. Descartando ainda a possibilidade de queda acentuada no coeficiente de natalidade desse Estado de população mais "rural" do Nordeste, como também, por não parecer aceitável, a de elevação no respectivo coeficiente de mortalidade, restaria como uma das explicações para o fenômeno a dificuldade de acesso dos agentes censitários aos informantes rurais radicados em áreas de agri-

⁽⁵⁾ Ver, a propósito, Hélio A. de Moura, **Perspectivas Demográficas do Nordeste até 1980**, BNB/ETENE, Fortaleza, 1970 (ed. preliminar).

⁽⁶⁾ Ver, a propósito, Hélio A. de Moura, **Tendências do Crescimento Demográfico do Estado do Maranhão 1940/70**, BNB/ETENE, ainda inédito.

⁽⁷⁾ Ver, a propósito, Hélio A. de Moura, **Perspectivas Demográficas do Nordeste até 1980**, BNB/ETENE, mimeo., ed. preliminar.

cultura rudimentar e, além disso, intinerante, por estar intimamente associada ao extrativismo vegetal que não raro é a atividade dominante para essas populações ⁽⁸⁾.

Se esse tiver sido o caso, implica em admitir erro por faltar algo elevado no tocante às estimativas do BNB/ETENE acerca do contingente de população rural presente em toda a Região em 1970.

Mas, se a explicação anterior for também estendida ao Censo de 1960, com a admissão de que a dificuldade na coleta de informações censitárias tenha sido nesse ano de menor intensidade relativa que na de 1970, por uma série de razões — inclusive pelo fato de o processo de “abertura” do Maranhão ainda estar àquela época nos seus primórdios — resta a conclusão de que o crescimento regional 1960/70, se não em termos absolutos, pelo menos em termos relativos teria sido algo mais próximo da taxa de 2,7% a.a. prospectada para a década 1960/70, nos estudos do BNB/ETENE ⁽⁹⁾.

Embora plausíveis, tais raciocínios são meras especulações. Mas o fato é que não parece óbvio o comportamen-

to demográfico do Maranhão na última década, inclusive ao se levar também em conta ter sido o único Estado da Região cuja taxa de crescimento demográfico nos remotos anos quarenta se apresentou superior à dos sessenta.

TENDÊNCIAS DO CRESCIMENTO DEMOGRÁFICO URBANO

Em 1970, dos 2.466 núcleos urbanos existentes na Região, apenas 58 contavam com população superior a 20 mil habitantes cada um ⁽¹⁰⁾. Não obstante representarem apenas uns 2% em número, concentraram quase três quintos do contingente demográfico presente nas cidades e vilas da Região.

Pelos dados da tabela 4, observa-se a tendência crescente da população nordestina residir nas cidades maiores. Com efeito a faixa das cidades com mais de 20 mil habitantes vem concentrando proporções crescentes do contingente urbano regional: 38% em 1940; 45% em 1950; 49% em 1960 e 58% em 1970.

Ademais, esse aumento de importância vem ocorrendo basicamente às expensas dos núcleos urbanos que contam com populações inferiores a 5.000 habitantes cada um. Como se pode observar na própria tabela 4, não variaram muito ao longo do tempo as participações atinentes às cidades classificadas nas faixas intermediárias de tamanho (5 mil a 20 mil habitantes).

A população urbana localizada em cidades com mais de 20 mil habitantes atingiu 24% do total da população presente no Nordeste. Nos dados dos Censos anteriores as proporções respectivas haviam sido de 9% em 1940, 12% em 1950 e 17% em 1960. Esta

(8) Segundo a “Introdução Econômica ao Relatório do BNB/1968”, pág. 42: (...) na fronteira agrícola do Pindaré e do Mearim e no centro do Estado, onde há maior liberdade do fator terra, (os estabelecimentos agrícolas) constituem apenas a área de atuação de uma unidade familiar. São meras clareiras abertas na mata, onde se erguem cabanas de palhas de babaçu, em termo das quais são plantadas culturas de subsistência: arroz, feijão, milho e mandioca. Em torno está a mata de onde se retiram os produtos da atividade extrativa vegetal: cocos de babaçu, tucum, malva, etc. (...)

(9) Ver, a propósito, Hélio A. de Moura, “Expansão Demográfica do Nordeste: Perspectivas até 1980”, *Revista Econômica*, BNB/ETENE, n.º 4, abril/julho 1970, pág. 19.

(10) Os referidos números divergem dos totais de vilas e cidades registrados pelo Censo em face de se haverem incluído em alguns núcleos as cidades e vilas satélites que a elas se integram.

elevação constitui um bom indicador acerca da tendência da população regional em se tornar crescentemente urbana no sentido mais próprio do termo, vez que a mera classificação estatística inclui residentes de pequenos núcleos, vilas e povoados que, quase sempre, constituem meras extensões do quadro rural.

Se observado esse aspecto a nível de Estado, verifica-se que Pernambuco aparece com um percentual muito elevado em relação ao conjunto do Nordeste: em 1970, 40% de sua respectiva população total já eram presentes em cidades de mais de 20 mil habitantes. Os demais Estados da Região, com exceção do Piauí e do Maranhão, apresentaram em 1970 uma coincidência quanto ao respectivo percentual de participação: entre 22% e 23%. Quanto ao Piauí, 16% de sua população total estavam presentes em 1970 nos quadros urbanos de mais de 20 mil habitantes, proporção esta que, na Região, só foi superior à do Maranhão, onde o percentual respectivo apenas atingiu a 10%.

Assume também interesse observar as taxas de crescimento atinentes aos conjuntos de cidades classificadas segundo as faixas de tamanho desses núcleos em 1970 (tabela 5). Verifica-se que todas as faixas de cidades com mais de 20 mil habitantes apresentaram crescimento geométrico entre 4,6% e 5,0% a.a. durante o decênio 1960/70. Se se traceja a evolução do conjunto de cidades que contaram com menos de 5.000 habitantes cada uma, verifica-se que só cresceu a 3,4% a.a. na última década.

A comparação das taxas atinentes às várias décadas indica que o processo de crescimento dos conjuntos de cidades consideradas continuou durante os anos sessenta muito mais intenso que o verificado para os remotos anos quarenta, apresentando, porém, ligeiro ar-

refecimento se comparado com o da década anterior. A exceção notável quanto a este último aspecto se referiu ao nível de cidades que em 1970 contaram cada uma com população entre 200 a 500 mil habitantes, pois seu crescimento na última década se intensificou ligeiramente até mesmo em relação ao período 1950/60.

Com relação aos principais núcleos urbanos da Região, a tabela 6 especifica os 14 maiores em ordem decrescente de tamanho que os mesmos apresentaram por ocasião do último Censo, cada um deles contando com população superior a 100 mil habitantes. Nove desses núcleos se situam na zona litorânea da Região, inclusive os sete principais. Além disso, verifica-se que os nove maiores dentre todos esses núcleos são as próprias capitais de Estado.

O "Grande Recife" é o principal núcleo urbano da área, constituindo um aglomerado populacional superior a 1,6 milhões de habitantes. Cresceu na última década a uma taxa de 4,5% a.a., algo inferior à dos anos cinqüenta, mas de mesma ordem de grandeza da do período 1940/50. É integrado por uma constelação de vilas e cidades, das quais onze contam no mínimo cada uma com população superior a 20 mil habitantes.

O crescimento relativamente mais intenso do efetivo demográfico do Recife se realiza na sua periferia.

O percentual da população urbana do "Grande Recife" não radicada nos limites políticos do município da capital pernambucana vem se elevando a ritmo crescente: 17% em 1940, 20% em 1950, 25% em 1960 e 33% em 1970. O processo é explicável tanto pelas próprias características econômicas do grosso do fluxo migratório que demanda a capital pernambucana e, de resto, as maiores cidades do Nordeste, como pela pequenês do territó-

TABELA 4
NORDESTE
População Presente Segundo Faixas de Tamanho das Cidades e Vilas
1940/70

Faixas de Tamanho (Habitantes)	A n o s			
	1940	1950	1960	1970
I — População Presente (milhares)				
Menos de 1.000	454,0	462,6	529,4	560,9
1.001 a 2.000	439,1	518,7	628,9	704,3
2.001 a 5.000	641,7	763,5	1.196,2	1.459,2
5.001 a 10.000	275,2	487,9	725,4	1.190,2
10.001 a 20.000	298,1	388,1	855,0	1.101,9
Mais de 20.000	1.273,0	2.122,4	3.744,4	6.963,1
Total	3.381,2	4.744,2	7.679,3	11.979,6
II — Frequências Simples (%)				
Menos de 1.000	13,4	9,8	6,9	4,7
1.001 a 2.000	13,0	10,9	8,2	5,9
2.001 a 5.000	19,0	16,1	15,6	12,2
5.001 a 10.000	8,1	10,3	9,4	9,9
10.001 a 20.000	8,8	8,2	11,1	9,2
Mais de 20.000	37,7	44,7	48,8	58,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0
III — Frequências Acumuladas (%)				
Menos de 1.000	13,4	9,8	6,9	4,7
Menos de 2.000	26,4	20,7	15,1	10,6
Menos de 5.000	45,4	36,8	30,7	22,8
Menos de 10.000	53,5	47,1	40,1	32,7
Menos de 20.000	62,3	55,3	51,2	41,9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: F. IBGE — Censos Demográficos.

rio em que politicamente se delimita esse município e a valorização dos terrenos nele situados. A cidade de Olin-da, por exemplo, vem em média mais do que dobrando sua população cada dez anos: 38,2 mil habitantes em 1950; 100,5 habitantes em 1960 e 190,3 mil

em 1970. As populações urbanas dos municípios de Jaboatão e Cabo tam-bém o fizeram entre 1960 e 1970. O subúrbio de Muribeca dos Guararapes, pertencente ao primeiro desses muni-cípios, quintuplicou sua população du-rante a década, enquanto que Camara-

TABELA 5

NORDESTE

População e Taxas de Crescimento dos Núcleos Urbanos Regionais

Segundo Faixas dos seus Respective Tamanhos em 1970

1940/1970

Faixas de Tamanho das Cidades em 1970	Número de Cidades em 1970 (*)	A n o s				
		1940	1950	1960	1970	
I — População Presente (Milhares)						
Mais de 1.000.000	2	712,4	1.044,2	1.688,4	2.666,2	
500.000 a 1.000.000	1	145,9	237,8	470,8	842,1	
200.000 a 500.000	4	276,7	400,8	634,4	1.027,0	
100.000 a 200.000	7	223,2	366,9	635,9	1.038,3	
50.000 a 100.000	7	99,6	152,4	272,9	444,0	
20.000 a 50.000	37	243,4	360,0	628,6	1.016,2	
10.000 a 20.000	77	302,6	448,2	669,6	1.091,9	
5.000 a 10.000	171	310,2	465,4	751,9	1.154,5	
Menos de 5.000	2.160	1.067,2	1.268,6	1.926,9	2.699,4	
Total	2.466	3.381,2	4.744,2	7.679,3	11.979,6	
II — Taxas de Crescimento (% a.a.)						
Mais de 1.000.000	—	3,9	4,9	4,6		
500.000 a 1.000.000	—	5,0	7,1	6,0		
200.000 a 500.000	—	3,8	4,7	4,9		
100.000 a 200.000	—	5,1	5,7	5,0		
50.000 a 100.000	—	4,3	6,0	5,0		
20.000 a 50.000	—	4,0	5,7	4,9		
10.000 a 20.000	—	4,0	4,1	4,8		
5.000 a 10.000	—	4,1	4,9	4,4		
Menos de 5.000	—	1,7	4,3	3,4		
Total	—	3,4	4,9	4,6		

Fonte dos dados originais: F. IBGE — Censos Demográficos.

(*) Os números de cidades e vilas diferem dos registrados no Censo face se haver considerado, em alguns casos várias cidades e vilas como sendo integrantes de um mesmo núcleo urbano (casos do Recife, João Pessoa e Natal, por exemplo).

gibe, vila do município de São Lourenço da Mata, quase que triplicou a sua.

A outra cidade da Região com população superior a um milhão de habitantes é Salvador, capital da Bahia, que concentra uma terça parte de toda a população radicada nos quadros urbanos desse Estado. Após um período

em que a população de Salvador aumentou a ritmo relativamente mais lento que o das outras principais cidades da área, característica esta dominante na primeira metade do século, seu ritmo de crescimento demográfico se acelerou na década dos cinqüenta (5,1% a.a) e continuou, embora com ligeiro arrefecimento, bastante ex-

TABELA 6

NORDESTE

População e Taxas de Crescimento dos Principais Núcleos Urbanos

1940/70

Núcleos Urbanos	A n o s			
	1940	1950	1960	1970
I — População Presente (Milhares)				
1. Recife (Pe) (1)	421,9	654,8	1.057,5	1.641,6
2. Salvador (Ba)	290,4	389,4	638,6	1.024,6
3. Fortaleza (Ce)	145,9	237,8	470,8	842,1
4. João Pessoa (Pb)) (2)	82,8	109,9	173,2	285,5
5. Natal (RN) (3)	55,1	102,5	169,0	283,2
6. Maceió (Al)	80,0	99,1	153,3	248,7
7. São Luis (Ma)	58,7	88,4	138,9	209,6
8. Teresina (Pi)	34,7	51,4	100,0	190,3
9. Aracaju (Se)	50,3	67,5	112,5	182,4
10. Campina Grande (Pb)	33,8	72,5	116,2	164,9
11. Ilhéus/Itabuna (Ba)	31,3	47,9	100,0	150,4
12. Feira de Santana (Ba)	14,1	26,6	61,6	129,5
13. Crato/Juazeiro (Ce)	34,7	58,7	81,1	106,4
14. Caruaru (Pe)	24,3	43,5	64,5	102,5
II — Taxas de Crescimento (% a.a.)				
1. Recife (Pe)	4,5		4,9	4,5
2. Salvador (Ba)	3,0		5,1	4,8
3. Fortaleza (Ce)	5,0		7,1	6,0
4. João Pessoa (Pb)	2,9		4,7	5,1
5. Natal (RN)	6,5		5,1	5,3
6. Maceió (Al)	2,2		4,5	5,0
7. São Luís (Ma)	4,2		4,6	4,2
8. Teresina (Pi)	4,0		6,9	6,6
9. Aracaju (Se)	3,0		5,2	4,9
10. Campina Grande (Pb)	7,9		5,3	3,6
11. Ilhéus/Itabuna (Ba)	4,4		7,6	4,2
12. Feira de Santana (Ba)	6,5		8,8	7,7
13. Crato/Juazeiro (Ce)	5,4		3,3	2,8
14. Caruaru (Pe)	6,0		4,0	4,7

Fonte: F. IBGE — Censos Demográficos.

(1) Inclui populações das vilas e cidades satélites pertencentes aos municípios de Jaboatão, Cavaleiro, São Lourenço da Mata, Paulista, Cabo e Olinda.

(2) Idem cidades de Bayeux e Santa Rita.

(3) Idem cidades de Parnamirim e Macaíba.

pressivo no período dos sessenta (4,8% a.a.).

A cidade de Fortaleza, sozinha, concentrou em 1970 quase metade (47%) do contingente urbano do Ceará, Estado do qual é a capital. Com população que presentemente se aproxima de 900 mil habitantes é, dentre as chamadas "Metrópoles Regionais" — Recife e Salvador são as outras — a que vem apresentando ritmo mais rápido de crescimento demográfico nos últimos trinta anos: 5,0% no decênio de 1940/50, 7,1% no de 1950/60 e 6,0% no de 1960/70. Apesar de esse ritmo se ter atenuado na última década, na Região só foi superado em igual período pelos que se verificaram com relação às cidades de Feira de Santana, na Bahia (7,7% a.a.) e Teresina, capital do Piauí (6,6% a.a.).

Com relação às demais capitais regionais, verifica-se que João Pessoa, Natal e Maceió vêm crescendo a ritmos que se intensificaram de década para década. São Luís, Aracaju e Teresina, contudo, apresentaram ligeira reversão dessa tendência no último decênio.

Campina Grande, no interior da Paraíba e Crato/Juazeiro do Norte, no Cariri cearense, vêm apresentando de década para década arrefecimento quanto ao ritmo de crescimento de suas respectivas populações.

Tendência semelhante que também se vinha esboçando com relação a Caruaru, situada no Agreste de Pernambuco, se modificou durante os anos sessenta.

Ilhéus/Itabuna, cidades baianas situadas na zona cacauífera, juntas cresceram no período 1960/70 a ritmo bastante mais lento que o do período 1950/60, embora quase com o mesmo dinamismo do período 1940/50.

Finalmente, vale mencionar que dentre as cidades consideradas na tabela 6, Feira de Santana em todas as

três décadas se incluiu entre as que apresentaram taxas mais altas de crescimento. Em razão de uma série de fatores, notadamente os que se relacionam com sua privilegiada posição de entroncamento de alguns dos principais eixos dos sistemas viários inter e intra-regionais, a cidade floresceu rapidamente como centro comercial e de prestação de serviços, exercendo simultaneamente atração para várias indústrias que ali se vêm implantando nos últimos anos em função de sua localização favorável. Como se pode observar na tabela, a população de Feira de Santana praticamente se multiplicou de nove vezes nos últimos trinta anos.

PERSPECTIVAS 1970/80

Embora o incremento demográfico do Nordeste não tenha chegado a atingir a taxa de 2,7% a.a. prevista para o período 1960/70, os resultados do último Censo confirmaram as expectativas do estudo do BNB/ETENE acerca de uma intensificação no ritmo de crescimento em relação ao de décadas anteriores ⁽¹¹⁾.

A elevação na taxa geométrica para 2,5% a.a. registrada como média para o período se associou comparativamente aos resultados atinentes ao decênio 1950/60, a uma ligeira reintensificação no ritmo de crescimento da população rural (de 1,1% a.a.) e certo arrefecimento no da população urbana (de 4,9% para 4,6% a.a.)

Contudo, como mostra a tabela 7, verifica-se que o mencionado ritmo de crescimento da população total seria atingido se simplesmente se houvessem mantido as taxas dos anos cinquenta atinentes ao crescimento da população segundo respectivas situações do domicílio (urbana e rural). Grande parte

⁽¹¹⁾ Hélio A. de Moura, "Expansão Demográfica do Nordeste", *Revista Econômica*, n.º 4, abril/junho, 1970.

da diferença entre os resultados líquidos observados e os valores projetados poderiam se referir, assim, a um ligeiro arrefecimento no fluxo das migrações internas campo-cidade. Apenas a diferença absoluta de 170 mil pessoas a menos que se verifica entre os dados observados e as projeções feitas nessa tabela — que se torna inexpressiva em termos relativos — poderia estar dando alguma medida de arrefecimento na dinâmica do crescimento urbano.

É bem verdade que tais observações não consideram os fluxos migratórios interregionais. Por essa razão, devem tão somente ser considerados como meros indícios e especulações ao invés de constatações exatas. Mesmo assim, tais comparações desencadeiam naturalmente uma série de outras questões.

Se se admitir, por exemplo, que o saldo líquido do fluxo migratório de nordestinos para o Resto do País não tenha crescido nos anos sessenta a ritmo mais intenso que o dos anos cin-

qüenta — dado o menor dinamismo dos fatores atrativos de outras áreas que atuaram intensamente no período 1950/60 e a inexistência de uma grande seca na Região no período 1960/70 — restaria atribuir às componentes vegetativas do processo a responsabilidade pela taxa de crescimento regional não se haver elevado além de 2,5% a.a. Por exemplo, teria havido durante a década 1960/70 redução no coeficiente da natalidade de modo a compensar os acréscimos de população relacionados com a queda no índice da mortalidade regional?

Quanto à natalidade, talvez que se possa associar ao fenômeno da urbanização nordestina alguma redução no coeficiente dessa variável: não é admissível, porém, que esta tenha sido de tamanha significação. Considera-se, por um lado, que a despeito de seu crescimento, a população urbana regional ainda é minoria. Por outro, mencionam-se as características básicas do

TABELA 7
NORDESTE

População Presente 1960/70: Comparações entre Totais Recenseados e Projetados com Base nas Taxas de Crescimento 1950/60
(Em milhares de pessoas)

Situação do Domicílio	1 9 7 0			Diferença (IV = I - II)
	Totais	Projeção		
	Recenseados	Números Absolutos	Taxa 1950,60	
	(I)	(II)	(III)	
Urbana	11.979,6	12.390,0	4,9	—410,4
Rural	16.694,1	16.453,2	1,1	240,9
Total	28.673,7	28.843,2	2,5(*)	—169,5

Fonte: F. IBGE — Censos Demográficos.

(*) Taxa resultante das projeções feitas a nível de setores. A taxa observada para o total da população no período 1950/60 foi de 2,2% a.a.

processo do crescimento dos núcleos urbanos regionais — periférico, por excelência — no qual parcelas apreciáveis de habitantes permanecem não integradas na vida das aglomerações muitas vezes com atitudes perante a

vida e a sociedade muito mais conformes com as das zonas rurais de origem.

Restaria, assim, à prevalência de um coeficiente de mortalidade supe-

TABELA 8
NORDESTE

Projeções de Crescimento Demográfico Segundo Grandes
Zonas Fisiográficas e Situação do Domicílio
1970/1980

Discriminação	População Presente		
	1970	1975	1980
I — Números Absolutos (Milhares)			
1. População Urbana			
1.1. Litorânea	7.039,8	8.789,6	10.883,5
1.2. Não Litorânea	4.939,8	6.221,9	7.822,5
1.3. Total	11.979,6	15.011,5	18.706,0
2. População Rural			
2.1. Litorânea	4.250,7	4.411,3	4.572,6
2.2. Não Litorânea	12.443,4	13.497,2	14.511,4
2.3. Total	16.694,1	17.908,5	19.084,0
3. População Total			
3.1. Litorânea	11.290,5	13.200,9	15.456,1
3.2. Não Litorânea	17.383,2	19.719,1	22.333,9
3.3. Total	28.673,8	32.920,0	37.790,0
II — % s/Total			
1. População Urbana			
1.1. Litorânea	24,6	26,7	28,8
1.2. Não Litorânea	17,2	18,9	20,7
1.3. Total	41,8	45,6	49,5
2. População Rural			
2.1. Litorânea	14,8	13,4	12,1
2.2. Não Litorânea	43,4	41,0	38,4
2.3. Total	58,2	54,4	50,5
3. População Total			
3.1. Litorânea	39,4	40,1	40,9
3.2. Não Litorânea	60,6	59,9	59,1
3.3. Total	100,0	100,0	100,0

Fonte dos dados de 1970: F. IBGE — Censo Demográfico.

rior ao suposto para a década a responsabilidade principal por uma taxa de crescimento que resultou inferior a 2,7% a.a. A menos que a explicação esteja na própria qualidade das informações censitárias — fator sobre o qual pesa alguma suspeita em relação a áreas específicas como o interior maranhense — a confirmação daquela possibilidade implicaria fatalmente na expectativa de que na década 1970/80 ainda continui em aceleração o ritmo do crescimento da população natural do Nordeste.

Dentro dessa ordem de idéias, adotou-se como hipótese de trabalho que o crescimento líquido da população regional presente passe de 2,5%, para 2,8% nos próximos dez anos. Corresponde, assim, ao mesmo diferencial observado entre a taxa prevalecente nos anos cinquenta e a dos anos sessenta. Admitindo que não venham a

se processar num futuro próximo alterações significativas nas linhas de distribuição da população no espaço geográfico, aplicaram-se sobre os totais da população regional presente projetada para os anos de 1975 e 1980, coeficientes de distribuição segundo grandes zonas fisiográficas e situação do domicílio que admitiram a seqüência das intensidades relativas dessa localização observadas nos últimos dez anos (tabela 8).

Como se pode observar, a população nordestina presente deverá atingir quase 38 milhões de habitantes em 1980, apresentando-se dividida em partes aproximadamente iguais segundo a sua situação rural ou urbana. Quanto à localização geográfica, continuaria aumentando a participação relativa do contingente litorâneo que, de 39% em 1970, passaria a 41% em 1980.

SUMMARY

The publication of the preliminary results of the Census of 1970, regarding to the northeast states, have enabled the Department of Economic Studies of the Bank of Northeast (ETENE) to prepare the present work, on which the evolution and behaviour of the northeastern population is analyzed. According to the methodology adopted, it studies the demographic evolution since 1940, in order to better visualize more trends within the historical context in which they should be inserted.

In 1970 the actual population of Northeast reached 28.7 million inhabitants, and in the last decade it has grown at a geometric annual rate of 2.5%. In the same period the growth rate of the population living in urban centers of the region attained 4.6% per year, while the rural population reached 1.2% per year.

As to the geographical distribution, the study reveals that in 1970 around 60% of the regional demographic contingent was living in the capitals of the States of Bahia, Pernambuco and Ceará. That situation has remained almost the same during the past thirty years.

The density rate of the region is only 19 inhabitants per sq. km., although in states as Pernambuco and Alagoas those rates are between 58 and 53 inhabitants per sq. km., and in Maranhão and Piauí it does not reach 10 inhabitants per sq. km. Leaving aside the political regional divisions, one can observe that the largest demographic concentrations are located on the 100 km wide strip along the northeastern seashore.

The analysis shows that during the decade of the sixties, the tendency of the northeastern population of simultaneously concentrating on the shore and becoming increasingly more urban was confirmed. The rate of the participation in the shore contingent on the regional total which changed from 35% in 1940 and 1950 to 37% in 1960, has been elevated to nearly 40% in 1970.

As to the prospective for the period 1970/80, based on the growth rhythm, which has intensified in the last decade, the paper estimates that the actual population of the Northeast will reach around 38 million inhabitants by 1980, divided into parts approximately equal, as to its urban and rural situation. Regarding to the geographical location, the relative participation in the shore contingent will continue, and from 39% in 1970 it will reach 41% in 1980.